

AQUI POSTO DE COMANDO DO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS: A RÁDIO-VOZ DA LIBERDADE

Helena Lima

Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Faculdade de Letras,
Universidade do Porto, Porto, Portugal

Concetualização, investigação, metodologia, administração do projeto, validação,
visualização, redação do rascunho original, redação – revisão e edição

Ana Isabel Reis

Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Faculdade de Letras,
Universidade do Porto, Porto, Portugal

Concetualização, investigação, metodologia, administração do projeto, validação,
visualização, redação do rascunho original, redação – revisão e edição

RESUMO

Nos 50 anos do 25 de Abril de 1974, em Portugal, a rádio traz à memória os primeiros sons da liberdade. A escolha da rádio para veículo de transmissão não foi por acaso e várias razões podem explicar esta opção. No campo informativo português daquela década era um meio privilegiado, dada a elevada taxa de analfabetismo adulta. A rádio era ubíqua e a sua popularidade evidencia-se pela taxa de penetração, de aproximadamente 88%, sendo que em 1974 havia mais de um milhão de recetores de rádio que televisores (Cristo, 2005; Ferreira, 2013). Pelo seu lado, os militares contaram com a convivência de jornalistas, técnicos e locutores das emissoras para transmitir as senhas que deram início ao movimento militar que derrubou o Estado Novo. Foi através dos microfones da rádio que comunicaram a revolução à população e anunciaram a rendição do Governo de Marcelo Caetano. Transformada no posto de comando, é responsável pela escolha de alguns dos símbolos sonoros que identificam o 25 de Abril. O tema aqui apresentado procura fazer a reconstrução dos passos que marcaram a madrugada da revolução e os momentos que se seguiram. A metodologia adotada cruza informações dispersas que foram sendo publicadas e emitidas nos últimos 50 anos e a análise das reportagens radiofónicas feitas naquele período.

PALAVRAS-CHAVE

rádio, 25 de Abril, revolução, sons, jornalismo

ARMED FORCES MOVEMENT COMMAND POST HERE: THE RADIO-VOICE OF FREEDOM

ABSTRACT

On the 50th anniversary of the April 25 1974 Revolution in Portugal, radio recovered the first sounds of freedom. The choice of radio as the broadcasting vehicle was no coincidence, and there are several reasons for this choice. In the Portuguese information landscape of that decade, radio was a privileged medium, given the high rate of adult illiteracy. Radio was ubiquitous, and its popularity is evidenced by its penetration rate of approximately 88%, with over a million more radio receivers than television sets in 1974 (Cristo, 2005; Ferreira, 2013). For their part, the military relied on the cooperation of journalists, technicians, and broadcasters to transmit the passwords that initiated the military movement that overthrew the Estado Novo. Through the

radio microphones, they communicated the revolution to the population and announced the surrender of Marcelo Caetano's Government. Transformed into a command post, it was responsible for selecting some of the sound symbols that identify April 25. This theme seeks to reconstruct the key events that marked the dawn of the revolution and the subsequent moments. The methodology adopted combines scattered information published and broadcast over the last 50 years with an analysis of radio reports from that period.

KEYWORDS

radio, April 25, revolution, sounds, journalism

Que o poema seja microfone e fale
uma noite destas de repente às três e tal
para que a lua estoire e o sono estale
e a gente acorde finalmente em Portugal. — Manuel
Alegre, *País de Abril — Uma Antologia*

1. INTRODUÇÃO

É aceite por diferentes autores a importância que os média tiveram na revolução portuguesa de 1974, nomeadamente a rádio, que desempenhou um papel fundamental no desenrolar dos acontecimentos. Os próprios militares reconhecem a sua importância para o êxito da operação. O Rádio Clube Português (RCP), dadas as suas características, foi escolhido para centro das comunicações, tornando-se assim o posto de comando do Movimento das Forças Armadas (MFA). O golpe militar foi pensado e organizado em articulação com a rádio e foi através dos seus microfones que se deu a luz verde inicial ao movimento. As operações seguintes transformaram a rádio no posto de comando de todas as ações planeadas, já que a radiodifusão funcionou, simultaneamente, como meio de comunicação interna entre os revoltosos e dos militares para a população portuguesa. O povo foi informado do que estava a ocorrer através de diversas comunicações radiofónicas que o punham a par sobre a evolução dos acontecimentos, desde a madrugada de 25 de abril até à rendição do regime, no Quartel do Carmo, em Lisboa, e também nos dias seguintes.

Nesta época, a rádio ocupava ainda um lugar central no panorama mediático nacional. Num país com uma taxa de analfabetismo elevada, a rádio mantinha as audiências, apesar de a televisão estar a entrar, embora lentamente, nos lares portugueses. A secundarização da televisão explica-se igualmente pelo fraco poder aquisitivo da população, mas também pelas limitações de difusão.

De início, Salazar não valorizou a rádio, só mais tarde o meio se tornou num poderoso instrumento de propaganda do Estado Novo. O regime controlou as emissões das rádios, privada e pública, de maneira a melhor as utilizar na máquina propagandística (Cordeiro, 2007; R. Santos, 2022b). Já durante o Marcelismo, esta tendência levou a uma intensificação da censura (Cristo, 2005; Ferreira, 2013; Ribeiro, 2002; Vieira, 2010).

Apesar disso, na fase final do regime, há uma “nova rádio”, mais contestatária e “mais virada para a vida” (Cristo, 2005, p. 23), que se foi afirmando com a contribuição dos programas noturnos a transformarem-se no novo horário nobre.

Os profissionais que integravam a equipa desses programas foram cúmplices na preparação da revolução e a rádio foi usada como transmissor de senhas, de mensagens, e de comunicados que marcaram a madrugada do 25 de Abril e os dias seguintes. Duas canções emitidas em duas rádios puseram a revolução em marcha: “E Depois do Adeus” nos Emissores Associados de Lisboa foi o sinal de avanço confirmado pouco depois pela “Grândola, Vila Morena” na Rádio Renascença. O primeiro comunicado do MFA foi lido aos microfones da RCP, tomado pelos militares e de onde foi comandada a revolução. Foi a partir da RCP que a população se foi mantendo informada sobre o que se passava. O papel desempenhado pelas rádios deve-se não só à conjuntura da época, mas também às ligações existentes entre os militares e os radialistas. Homens e mulheres que tiveram um papel ativo na preparação e no decorrer da revolução e que acabaram por ter um contributo decisivo na escolha daqueles que se tornaram os símbolos sonoros do 25 de Abril.

Nas ruas, foram os repórteres da rádio que captaram os sons e as vozes de uma nova etapa na história de Portugal: as manifestações populares, as palavras de ordem, as conversas, a libertação dos presos políticos, a prisão de agentes da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, os disparos e os episódios de tensão ou confronto e, finalmente, os momentos que culminaram com a rendição do Governo de Marcelo Caetano.

A rádio fez jus a algumas das suas maiores características, a agilidade e a ubiquidade, e recentrou o lugar da reportagem, que acompanhou o desenrolar da revolução, registando todos os seus minutos, a par e passo. A função da rádio naqueles dias é reconhecida não apenas por militares, políticos e jornalistas (Maia, 1999; Ribeiro, 2002; Vieira, 2010), mas é igualmente audível nas transformações na programação e informação, resultantes desta conjuntura (R. Santos, 2022a).

Apesar do volume de informação disponível, mas disperso, há poucos estudos que aprofundem a função que a rádio desempenhou na Revolução de 74. Assim, o que propomos é apresentar um estudo sobre o papel da rádio na revolução do 25 de Abril de 1974. Nesse sentido, foi realizado um estudo prévio (ver Reis & Lima, 2014), em que foram cruzados dados obtidos na audição das reportagens radiofónicas realizadas no dia 25 de abril de 1974; em entrevistas, depoimentos, debates, documentários e reportagens publicadas e emitidas nos últimos anos; e em bibliografia sobre o tema.

A investigação aqui apresentada dá sequência a trabalho anteriormente realizado, partindo de bibliografia de referência, pesquisa de novos trabalhos entretanto publicados e a recolha de novos dados conhecidos mais recentemente. Parte desta nova informação resulta também das próprias comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, que levaram ao conhecimento de novos dados e revelações. Tal como em estudos anteriores, procuramos intercalar os diferentes testemunhos presentes em reportagens, novas obras e a análise dos registos dos sons do 25 de Abril. Entendemos que o aprofundamento da linha dos acontecimentos nas rádios permite uma visão mais clara da

forma como se articularam os profissionais e os militares. Por outro lado, a análise da voz falada permite entender o papel da reportagem radiofónica dos sons de Abril, para além da dimensão militar.

2. A RÁDIO NA DITADURA

No início dos anos 70, Portugal era uma sociedade essencialmente rural e iletrada (Ribeiro, 2005). A taxa de população adulta analfabeta rondava os 25%, segundo dados dos censos de 1970 do Instituto Nacional de Estatística. A rádio era, ainda, o meio mais popular, com uma taxa de penetração de cerca de 88% e havia mais de um milhão de aparelhos de rádio do que televisores (Cristo, 2005; Ferreira, 2013). A emissão de rádio atingiu, diariamente, mais de 45% da população, enquanto 65% ouviam rádio pelo menos uma vez por semana em 1969 (R. Santos, 2017a). Nos anos 70, a televisão ainda não tinha entrado em todos os lares portugueses e o seu horário de emissão abrangia apenas uma parte do dia.

O panorama radiofónico português centrava-se em três grandes emissoras nacionais: RCP, emissora privada, propriedade da família Botelho Moniz, muito próxima do regime; Emissora Nacional (EN), emissora pública; e Rádio Renascença (RR), emissora católica. Além destas, existiam pequenas rádios na capital e no resto do país.

Nos anos 60, a rádio portuguesa foi dando sinais de transformações, que se viriam a consolidar no início da década seguinte, e que, de certa forma, criaram as condições para o que aconteceu na madrugada da revolução. A emissão de 24 horas ininterruptas foi uma delas, e a generalização dos noticiários à hora certa, iniciada pela RCP, estendeu-se às outras emissoras nacionais. Cristo (2005) chama-lhe a “nova” rádio, mais interessada “pelo que ocorre fora das suas paredes” e que reivindica uma atitude ativa perante a realidade, “observadora, curiosa e crítica, uma rádio com alma” (p. 23). Essa “nova” rádio era formada por jovens que vinham da Rádio Universidade, um laboratório de novos radialistas que procuravam inovar e tinham um estilo mais informal, mais próximo do ouvinte.

A Rádio Universidade teve um papel relevante, já que foi aí que muitos dos locutores e jornalistas iniciaram a sua atividade. Muitos transitaram para as emissoras nacionais e acreditaram numa nova forma de fazer rádio, que criou raízes para o que viria acontecer nas décadas seguintes (Reis, 2022; R. Santos, 2017b). Nos anos 70, a EN e a RCP fizeram algumas experiências no domínio da informação que “fugiam aos cânones habituais” e foram inovadoras (Serejo, 2001, pp. 71–72). Entre estas experiências, refira-se, por exemplo, o novo conceito de noticiário, introduzido por Luís Filipe Costa na RCP. Inovando na linguagem e no formato, a antena abria-se para a informação de última hora, fora do tempo dos noticiários¹. Na RR, muitas vezes, os programas de informação de produção independente (Serejo, 2001) eram suspensos “temporariamente”, porque se enquadravam “nessa tentativa de realizar trabalhos próximos do jornalismo, tratando, muitas vezes de forma metafórica, a situação social” (Andringa, 2008, p. 9).

¹ Entrevista a Luís Filipe Costa, incluída no programa *Provedor do Ouvinte*, emitido na Antena 1 a 24 de julho de 2020.

Controlada pelo poder, a EN estava estagnada (S. C. Santos, 2013) e registava uma queda nas audiências. Os programas mais marcantes estavam nas rádios privadas e isso refletia-se no crescimento do número de ouvintes da RR e da RCP². É na RR, a “menos submissa” (Ribeiro, 2002, p. 33), e na RCP que surgem alguns programas tidos hoje como referências: *Limite*, *Página 1*, *PBX*, *Meia Noite* e *Em Órbita*, que fazem parte da memória da geração jovem daquela época (R. Santos, 2012). Não são programas para as grandes audiências, mas para um público restrito, informado e que procurava ouvir e decifrar o que havia escapado à censura. Esta característica explica, segundo Cristo (2005) e Ferreira (2013), a razão por que estes programas não terão contribuído para consciencializar o público da situação do país. Rogério Santos (2012), pelo seu lado, entende que uma programação mais próxima do público (como os programas *PBX* na RCP e do *Página 1* na RR), com envolvimento social e política, terá aberto brechas na opinião e conduziu à suspensão parcial ou definitiva de programas e autores na fase final do Estado Novo. Esta rutura por parte de jovens jornalistas não deixou de ser reconhecida. De acordo com Rogério Santos (2022a), a Casa da Imprensa atribuiu, em março de 1974, um prémio a Adelino Gomes pela sua participação no programa *Limite*. Toda a cerimónia acabou por se tornar num momento de resistência, através das intervenções deste jornalista, mas também dos participantes e do júri.

Rogério Santos (2022a) reporta os diferentes episódios que espelham uma rádio desobediente, quer pela suspensão e controlo dos programas, quer pelos despedimentos de jornalistas e a dificuldade que a censura e administrações tiveram em “repor a ordem”. O autor defende mesmo a tese de que “a rádio esteve na génese da transformação política do país” ainda antes da madrugada de 25 de Abril de 1974 (R. Santos, 2012, p. 15).

Esta irreverência não significa que a rádio estava isenta de censura. Era, tal como a televisão, controlada não tanto pelo lápis azul, mas por “medidas preventivas”, que asseguravam o controlo e a autocensura. As vozes discordantes não chegavam aos microfones, os presidentes dos órgãos de comunicação públicos eram nomeados pelo Presidente do Conselho e as administrações eram compostas por nomes próximos ao regime (Ferreira, 2013), mesmo nas entidades privadas como era o caso da RCP. Todas as estações funcionaram como veículo de propaganda do Estado Novo, eram a “voz do dono” (Cristo, 2005; Ferreira, 2013; S. C. Santos, 2013; Serejo, 2001), embora as formas de controlo pudessem assumir diferenças acentuadas. Tal é o caso da EN, uma vez que era a rádio controlada pelo Estado, contudo esse controlo terá levado também à sua estagnação e dificuldade em competir com as demais antenas (R. Santos, 2022a).

A par da obediência das administrações das rádios, o controlo das transmissões pela censura foi realizado de diferentes maneiras. Desde 1945 que o Secretariado Nacional da Informação foi a instituição responsável pela propaganda, informação pública, comunicação social, turismo e política cultural do Estado Novo. Coube ao Secretariado Nacional da Informação proporcionar formação a quadros com poderes executivos em estações de rádio. Foi também da sua responsabilidade o treino dos censores que faziam parte dos comités de censura colocados nas rádios.

² No início da década de 70, a Emissora Nacional terá passado dos 60% de audiência para os 50,1%, sendo ultrapassada pela Rádio Clube Português, que sobe dos 45% para os 50,5%. A Renascença passa dos 20% para os 39% (Ferreira, 2013, p. 15).

Outra das formas de controlo foi a obrigatoriedade de envio ao Comité de Censura dos textos por escrito, roteiros ou programas gravados antecipadamente 48 horas antes de cada transmissão. A autocensura e a escolha criteriosa dos locutores na transmissão ao vivo também contribuíram para o controlo apertado das emissões (Cristo, 2005).

A censura instala-se fisicamente nas rádios e intensifica-se durante o Marcelismo. Curiosamente, os censores do Exame Prévio³ tinham chegado à RR poucos dias antes do 25 de Abril e deixaram passar a senha para a revolução.

Como anteriormente referido, os programas no período da noite eram assegurados pelos novos profissionais, que não se identificavam com o regime. Esse terá sido um dos fatores que determinaram a escolha das rádios para se associarem ao movimento militar. Ser contra a situação facilitou o primeiro contacto. Exemplo disso é o relatado por Carlos de Almada Contreiras, Capitão de Mar e Guerra e militar de Abril, à RR, onde conta o processo muito informal de decisão da segunda senha: “ficou decidido debaixo do elevador de Santa Justa, no tal plenário onde estava eu e o Álvaro Guerra⁴, que a canção seria a Grândola’, afirma com um sorriso” (Gonçalves, 2023, para. 7)⁵.

A EN foi excluída por um conjunto de razões, sendo a principal, o facto de ser a emissora do Estado. Restavam a RCP, a RR e os Emissores Associados de Lisboa (EAL), que vieram a ter o seu papel na revolução. Os seus profissionais contribuíram de forma decisiva para o desenrolar dos acontecimentos, e na escolha de alguns sons que se viam a tornar os símbolos sonoros do 25 de Abril.

3. A RÁDIO COMO POSTO DE COMANDO DO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS: UMA ESCOLHA ESTRATÉGIA

Em estudo anterior (Reis & Lima, 2014), foram analisados os diferentes aspetos que determinaram as razões que colocaram a rádio como centro difusor da Revolução de Abril, assim como a linha de acontecimentos que se sucederam. É possível, através de novos elementos de recolha de investigação, preencher alguns dos momentos de escolha e decisão, mas também entender que as memórias daquela madrugada e do dia 25 podem revelar algumas contradições. Ainda assim, a participação das rádios no movimento prevalece como parte da estratégia delineada pelos militares, como testemunhou Otelo Saraiva de Carvalho (2014):

³ “Exame Prévio” é a nova designação da Comissão de Censura, segundo a Lei de Imprensa de 1972, Decreto-Lei n.º 150/72 (1972), da qual emanam as “instruções sobre o Exame Prévio”.

⁴ Jornalista do *República*, que foi o ponto de contacto entre os militares e os radialistas.

⁵ As versões são contraditórias: a citação é de Carlos de Almada Contreiras em “Grândola Vila Morena”, *A Senha da Revolução Escolhida Debaixo do Elevador de Santa Justa*, reportagem publicada a 29 de novembro de 2023, no site da Renascença; por sua vez, Carlos Albino, jornalista do *República* e da equipa do programa *Limite*, revela em diversas entrevistas ter sido ele a sugerir a escolha de “Grândola”, versão que Otelo Saraiva de Carvalho confirma na entrevista ao *Expresso*: “A Entrevista nos 40 Anos do 25 de Abril: ‘Apesar dos Excessos, a Revolução Foi um Êxito’” (Alves, 2021), embora contradiga o que escreve no livro *Alvorada em Abril* (Carvalho, 2014), em que conta que a proposta da música foi de Santos Coelho. No entanto, no artigo “Não Sei Se as Minhas Netas Terão o Tal Mundo com o Qual Sonhei Há 40 Anos” (Almeida, 2014), do *Tribuna de Macau*, de 2014, e em que o capitão é entrevistado, é referido que foi Carlos Albino, da Renascença, que sugeriu a Almada Contreiras a “Grândola, Vila Morena”.

as emissoras de radiodifusão e a Rádiatelevisão eram consideradas no plano de operações, objectivos importantes. Até mesmo fundamentais, na medida em que, através de comunicados radiodifundidos, podíamos motivar psicologicamente as massas populares para uma adesão ao movimento que entrava na luta decididamente a seu favor, e contra o regime. (p. 336)

O plano, como referido, apenas excluía a EN. Esta viria a ser ocupada pela necessidade de controlar o rádio do regime político.

Conquistar a “emissora oficial do regime” e silenciá-la, passando a utilizar outra, particular, entretanto também conquistada, parecia-me, do ponto de vista psicológico sobre a população, um golpe excelente. Pela afirmação de força e pela negação de utilização de uma odiosa *his mater's voice* que tal acto, simbolicamente representava. (Carvalho, 2014, p. 336)

Nesse sentido, foram feitos contactos dentro da emissora para agilizar a tomada do edifício. A relevância da rádio para o movimento está patente num dos documentos secretos onde se podia ler que todos as unidades nas operações deveriam munir-se de rádios que permitissem “manter uma escuta perfeita” dos emissores de Lisboa do RCP (Centro de Documentação 25 de Abril, 2014).

Dado o historial recente das rádios anteriormente referido, os militares de Abril tiveram contactos prévios com locutores e jornalistas seus conhecidos, mas também pessoas indicadas por terceiros, por merecerem confiança e que eram reconhecidos pela oposição ao regime. As rádios escolhidas para emitir as duas primeiras senhas foram os EAL e a RR, dadas as suas capacidades de emissão em Lisboa. Segundo Otelo Saraiva de Carvalho (2014), a RCP foi escolhida para ser a voz da revolução, um ato da própria rebelião, um desafio à ditadura. Depois de decidir em quais estações de rádio atuariam, o passo seguinte foi estabelecer contactos dentro de ambas as estações, o que não se revelou difícil. Durante a guerra colonial, alguns militares conheceram nomes ligados à rádio, seja porque eram camaradas de armas ou profissionais do meio radiofónico. O próprio Otelo chefiou a Secção de Radiodifusão e Comunicação Social do Gabinete de Assuntos Cívicos e Acção Psicológica na Guiné.

É sabido que a escolha da RCP se deveu ao perfil moderno da rádio, mas também a aspetos importantes do ponto de vista militar, como a centralidade e a logística dos equipamentos e a possibilidade de manter a emissão em caso de corte de energia externo, uma vez que tinha um gerador. Tinha também um radiotelefone de ligação direta e, de acordo com Rogério Santos (2022a), os jornalistas desta rádio usavam o telefone, o telex e o gravador de fita magnética. Na luta com as concorrentes, a RCP foi pioneira a incluir uma ligação direta, via telefone, aquando do internamento de Salazar. Dadas as suas características, esta rádio tinha autonomia e podia continuar a emissão, tendo Otelo Saraiva de Carvalho (2014) salientado ainda a emissão de noticiários de hora a hora de madrugada para Portugal continental e para o Ultramar, dando assim notícia das movimentações às forças instaladas nas colónias. O modelo de noticiários da RCP

iniciou-se em 1961 e não deixou de se modernizar até ao final da ditadura, quer nos meios e formatos, quer num estilo muito próprio (R. Santos, 2022a).

As razões apontadas para a escolha das rádios levaram também a contactos prévios entre os revoltosos e jornalistas e outro pessoal das emissoras. João Paulo Diniz era o locutor que assegurava o programa noturno da Rádio Alfabeta (EAL). Diniz esteve em Bissau entre 1970 e 1972, onde apresentou o *Programa das Forças Armadas* na rádio e seria um dos contactos dos militares e de Otelo. Na altura da Revolução, o 1-8-0, criado em 1968, era um programa noturno muito popular. Após uma negociação sobre qual seria a música da primeira senha, “E Depois do Adeus” foi decidida, para não levantar suspeitas.

O primeiro sinal dos revoltosos foi emitido às 22h55, pela voz de João Paulo Diniz, que anunciava ao microfone: “faltam cinco minutos para as 23 horas. Convosco, Paulo de Carvalho com o Eurofestival 74, ‘E Depois do Adeus’, uma canção de José Niza”. Ia para o ar a música que indicava às várias unidades militares, que aderiram ao movimento, para avançarem sobre Lisboa.

Num processo similar, a senha de confirmação foi resultado do historial do programa *Limite* (R. Santos, 2022a), e, mais uma vez, levou a uma série de contactos prévios. Nesta segunda senha, as informações e as entrevistas mais recentes dadas por diversas fontes podem assumir testemunhos contraditórios. A primeira indicação é de que um jornalista do *República*, que além desta redação fazia parte da equipa do *Limite*, fez a ponte entre Otelo Saraiva de Carvalho e Carlos Albino. Uma nova sequência de conversas leva a que a canção escolhida seja a “Grândola, Vila Morena”. Assim, à hora combinada acordada com os militares para a segunda senha, 00h20, Paulo Coelho, o locutor de serviço nessa noite, no programa *Limite*, põe no ar a primeira quadra da canção “Grândola, Vila Morena”, de José Afonso. Os poemas tinham sido gravados previamente por Leite de Vasconcelos, dadas as apertadas condições de censura de que o programa era alvo.

Mas devo dizer, agora que passaram 25 anos e no que está relacionado com o que me pediram, que apenas dois civis tiveram conhecimento do processo que culminaria com a senha do 25 de Abril: Manuel Tomás e quem dá testemunho nestas linhas. Álvaro Guerra foi um precioso elemento de ligação e naturalmente que não foi ouvido nem achado para a execução da senha; Leite Vasconcelos, que no seu dia de folga deu a sua voz a tudo o que tinha que ser dito nos exactos 11 minutos de duração do bloco previamente submetido às censuras; o estagiário de locução que estava na cabine (não quero dizer o nome antes que o encontre porque é um dos que têm andado para aí a mentir) estava longe de imaginar o que se iria passar e nada justificava que se lhe dissesse o que estava em jogo; a regência de estúdios onde em todo o caso poderia ser interrompida a emissão caso tivesse ocorrido alguma denúncia, estava debaixo de olho. Mas, acima de tudo, devo aqui testemunhar que o Manuel Tomás, para além de uma lealdade total, foi uma peça-chave para o êxito da pequena coisa que foi pedida - a senha. (Albino, 1999, para. 8)

“E Depois do Adeus”, nos EAL, e a “Grândola, Vila Morena”, na RR, foram o resultado da escolha e articulação entre os militares e os profissionais da rádio. Tendo sido os símbolos e as senhas que estiveram no arranque do golpe militar, não deixam de ser o resultado de uma harmonização da vontade dos operacionais das Forças Armadas, mas também do bom senso e da experiência do pessoal das emissoras, que sabia a melhor forma de iludir a censura e, assim, assegurar o bom êxito da conspiração. A simbologia sonora da Revolução do 25 de Abril está presente na memória coletiva dos portugueses e foi além-fronteiras. A marcha militar “A Life on the Ocean Wave” (Uma Vida na Onda do Mar), emitida depois do primeiro comunicado do MFA na RCP, veio também a ser conhecida como “hino do MFA”. A marcha foi uma escolha de José Ribeiro⁶ da RCP e funcionou como um indicativo para assinalar a emissão dos comunicados militares.

Depois de irem para o ar as duas senhas, iniciou-se o movimento militar e a RCP foi ocupada às 03h12, operação comandada pelo Capitão Santos Coelho.

Ocupada a RCP às 04h26, o jornalista de serviço, Joaquim Furtado, lê o primeiro comunicado do MFA, dos vários que tinham sido redigidos pelo Major Vitor Alves (Associação 25 de Abril, s.d.). A emissão passa a ser controlada pelos militares e a programação é constituída por marchas militares, interrompidas com os comunicados do movimento, mas também para informar a população e apelar para ficar em casa, o que não teve acolhimento. À rádio foram chegando locutores, técnicos e jornalistas.

Para a rádio pública, os militares esboçaram um plano completamente diferente. Os Capitães Oliveira Pimentel e Frederico de Moraes foram responsáveis pela ocupação da EN: pouco antes das 04h, um grupo de militares desarmou os guardas da Polícia de Segurança Pública, que não ofereceram resistência. O Capitão Frederico de Moraes informaria o Posto de Comando: “informo ocupamos TÓQUIO sem qualquer incidente” (Serejo, 2001, p. 77). Às 07h foi para o ar o “Hino Nacional”, seguido de um noticiário que não mencionava os acontecimentos em curso. Às 08h30 foi lido o primeiro comunicado do MFA e, de seguida, a transmissão foi cortada, só sendo restabelecida ao início da noite.

No decurso destas movimentações, a RCP tornou-se o epicentro de toda a atividade difusora dos militares, sendo os comunicados do MFA transmitidos aos seus microfones. Foi lá que se realizaram as primeiras conferências de imprensa improvisadas pelos capitães para a comunicação social portuguesa e para os correspondentes estrangeiros e foi também lá que se anunciou formalmente a rendição do Governo, às 20h, do dia 25 de abril.

As forças do regime fizeram várias tentativas para cortar a emissão da RCP, sendo a mais relevante o corte de energia às 08h, o que levou ao acionar dos geradores. A importância desta emissora no desenrolar dos acontecimentos fica demonstrada pelas ações das forças fiéis ao regime, mas também pela escolha dos seus microfones para a leitura da proclamação do MFA, também por volta das 20h.

Depois da linha de acontecimentos que procuram reconstruir a articulação entre a rádio e o movimento do 25 de Abril de 1974, importa notar que os jornalistas portugueses

⁶ Em entrevista à reportagem da SIC “Aqui Posto de Comando” (Castanho, 2004) emitida em 2004.

dos diferentes meios de comunicação social viveram intensamente os acontecimentos daquele dia. Se os jornais nos reportam a memória daquele dia, no caso da rádio, os relatos são mais complexos. Sabemos que grande parte do trabalho dos jornalistas de rádio não chegou a ser emitido e o repositório sonoro desse dia é essencialmente constituído por reportagens que não chegaram a ser emitidas, mas que ficaram registadas em bobines de fita magnética. É através deste repositório que podemos aceder ao testemunho dos repórteres que nos trazem os outros sons da revolução.

4. A REVOLUÇÃO PELOS MICROFONES DA RÁDIO

Os acontecimentos do dia 25 de abril estão documentados em reportagens gravadas ao longo de sete horas, como se se tratasse de uma transmissão em direto. Destas gravações, foram posteriormente selecionados excertos para uma versão em CD de 02h30. As vozes presentes nestes relatos são dos jornalistas Adelino Gomes, Pedro Laranjeira, Paulo Coelho e João Paulo Guerra. Alfredo Alvela, do RCP, foi outro dos jornalistas em reportagem naquele dia. As suas palavras reportam o que estava a acontecer, ao mesmo tempo que refletem a forma como testemunha a notícia: “microfone aberto, ouvindo a multidão, ruídos dos carros de combate em movimento... apenas o ambiente que podemos transmitir, porquanto as palavras de um homem não são nada perante a rodagem histórica de que estamos a ser testemunhas”.

A extrema repressão que se fez sentir nas rádios na fase final da ditadura levou a que vários jornalistas fossem afastados dos programas por razões políticas. Ainda assim, não deixaram de participar dos acontecimentos, como foi o caso de Adelino Gomes. O jornalista juntou-se à coluna militar e aos camaradas da RR que estavam a fazer a cobertura noticiosa do golpe de Estado, como testemunhou em 2014: “eu tive tanta inveja que me atrevi a dizer assim: vocês dão-me autorização que eu faça um bocadinho de reportagem? E eles passaram-me o microfone para a mão (...) e eu fiquei a fazer reportagem com eles” (Gomes, 2014). Assim, Adelino Gomes acabaria por se transformar num dos repórteres históricos do 25 de Abril.

Durante as gravações, os repórteres referem as suas próprias ações, como quando, por exemplo, sobem para um dos veículos militares em movimento para o acompanharem a um novo cenário da ação, e nesse percurso vão descrevendo o que veem e o que ouvem. Outros relatos registam-se em locais em que os microfones captam conversas soltas, palavras de ordem, desabafos do cidadão anónimo que dão uma imagem da perceção popular sobre os acontecimentos e das suas expectativas em relação ao futuro. A sequência dos sons é cronológica.

Apesar do inesperado do acontecimento e da impreparação para uma situação completamente nova, há práticas profissionais que se mantêm. A voz de Adelino Gomes e de outros jornalistas permitem a resposta ao “quê”, “quem”, “onde”, “quando” e “porquê”. As entrevistas são explicativas, mas também de confirmação do que os jornalistas testemunham junto de fontes autorizadas ou oficiais. A reportagem descreve o que se vê e os sons são o ambiente escutado: “eu não tenho palavras pela primeira vez na minha vida como repórter de rádio” — dirá a dada altura Adelino Gomes e de microfone estendido às pessoas pergunta — “o que é que quer dizer?”.

Nos relatos, há uma constante identificação do repórter com quem o rodeia e com quem o escuta. O jornalista tanto assume o papel de testemunha, como, no momento seguinte, reassume a sua função de repórter em busca da informação objetiva.

Ao longo das reportagens, os populares são os mais ouvidos: “isto já devia ter sido há muitos anos”. Não raramente os repórteres assumem que sabem tanto como o povo que está na rua: “tão cheio de curiosidade como nós estamos... com tanta falta de informação como nós estamos”. É entre o povo que, muitas vezes, procuram a informação ou cruzar diferentes informações até terem acesso a uma fonte mais oficial. Adelino Gomes enquanto acompanha os militares e os populares: “falta aqui uma câmara de televisão. Nunca na minha vida, como repórter de rádio e como jornalista, tive a oportunidade de ouvir as pessoas a falar a sério. A falarem sem peias. ‘Porreiro’, diz aquele jovem ali. Porreiro, pá”. Mais tarde, explicou que um dos colegas ia à RR, que era próxima, e trazia quatro ou cinco bobines, que já “davam para gravar muito tempo” (Lau et al., 2014).

O cerco ao Quartel do Carmo foi feito pelos Capitães de Abril, mas também pelos jornalistas que assistiram, no meio dos populares, ao desenrolar dos acontecimentos daquele dia. Os sons que nos chegam são o entrecruzar dos relatos dos repórteres, sons da multidão e dos militares. Todo o ambiente à volta do quartel é espelhado pelas diferentes sonoridades e cadências descritivas que ilustram, de facto, os momentos dramáticos vividos até à rendição, como é possível entender pelos excertos selecionados pelo Centro de Documentação 25 de Abril (s.d.).

“Atenção, Quartel do Carmo, atenção, Quartel do Carmo, ou o mensageiro é recebido imediatamente ou então o Quartel será destruído [ovação dos populares]”, em seguida, Adelino Gomes reforça as palavras de Salgueiro Maia: “o Capitão Maia manda que as forças apontem para o edifício; há pouco fez um ultimato a dizer que se não sair o coronel mensageiro será destruído o quartel”. O jornalista dá conta da tensão que se vive: “estamos num momento extremamente importante, assustador até, e acho que chegamos ao clímax”. Entretanto, os soldados tomaram posições, enquanto se mantinham fechadas as portas do Quartel do Carmo. Ouve-se a voz de Salgueiro Maia, que dá uma ordem: “uma rajada para o alto da varanda do centro”. Adelino Gomes reforça as palavras do capitão: “uma rajada para a varanda do alto, do centro”. Neste momento, ouve-se a voz de um popular que simula: “tatatatata”. O repórter remata: “é um momento... em que toda a gente certamente está tão impressionada como nós próprios”. Ouvem-se as rajadas e ouve-se outro jornalista a dizer “somos obrigados a fugir uma vez que generalizou-se o tiroteio. Não houve rendição das forças fiéis ao governo, por isso eclodiu este tiroteio (...) o nosso camarada do *Limite* perdeu um sapato”. Os sons confusos mantêm-se até que: “as pessoas começam a sair destes abrigos onde estão. Nós não sabemos efetivamente o que se estará a passar... há balas aqui pelo chão”.

Um dos momentos esperados era a rendição, como relata Adelino Gomes:

vão abrir as portas. Abriram as portas, neste momento, abriram as portas [gritos da multidão] (...). O coronel, mensageiro das forças revoltosas, levanta os braços e dá indicações às pessoas que ali estão. Vou entrevistar o coronel: “meu coronel, não ouve rendição por parte das forças sitiadas?”.

O desenlace mais esperado seria narrado pelo jornalista Alfredo Alvela, do RCP:

neste momento são 8h39. Neste momento, abrem-se as portas do Quartel do Carmo. Começam a movimentar-se as viaturas de guerra que aqui estiveram, em frente ao Quartel do Carmo [crescendo de vozes]. Uma vaia tremenda da multidão. Um momento altamente histórico. Somos impotentes para fazer a reportagem do que está a acontecer.

As vozes da rádio incluem-se neste fio condutor dos acontecimentos da Revolução de Abril. Os jornalistas transmitem a emoção do momento, pelos testemunhos próprios, pelas falas dos populares e, também, pelos sons, que pintam o cenário da emoção e alegria vividas naquele dia.

5. CONCLUSÕES

Através da recolha de diferentes fontes históricas, procuramos entender de que forma a rádio se interligou com a “Revolução dos Cravos”. Através de um processo em que os sons, os depoimentos de militares e de algumas pessoas que participaram neste dia, reconstruímos as linhas de memória dos diferentes momentos, atores e papéis desempenhados.

Após esta recolha, é possível constatar que a rádio assumiu diferentes funções, algumas correspondentes aos objetivos dos Capitães de Abril, mas também teve uma dinâmica própria.

Em primeiro lugar, podemos afirmar que a escolha da rádio como meio para despoletar e anunciar a revolução se deve à própria natureza intrínseca das rádios portuguesas, da sua forma progressista e a favor do fim da ditadura, como é possível constatar através da programação, mas também pelo perfil dos profissionais, que levaram à confiança que lhes foi atribuída pelos militares.

Podemos, também, entender de que forma, no plano logístico, foram feitas as escolhas em relação às senhas e à sua transmissão, sem nunca esquecer as questões de segurança. Estes aspetos foram determinantes na comunicação entre os próprios militares e a forma como deram a conhecer o movimento à população e não deve ser esquecido o facto de os militares estarem familiarizados com este meio e com alguns dos profissionais. A relação de confiança que se estabeleceu permitiu que os profissionais da rádio também participassem nos processos de escolha.

Por último, como foi referido, a rádio e os seus jornalistas tiveram uma dinâmica própria, sendo as reportagens e os sons dos acontecimentos a forma mais evidente da sua relevância no decurso do primeiro dia da liberdade.

REFERÊNCIAS

Albino, C. (1999, 24 de abril). Que vasta galeria de falsos heróis. *Diário de Notícias*.

- Almeida, H. (2014, 25 de abril). Não sei se as minhas netas terão o tal mundo com o qual sonhei há 40 anos. *Tribuna de Macau*. <https://jtm.com.mo/local/nao-sei-se-minhas-netas-terao-tal-mundo-qual-sonhei-ha-40-anos/>
- Alves, C. F. (2021, 25 de julho). A entrevista nos 40 anos do 25 de abril: “Apesar dos excessos, a revolução foi um êxito”. *Expresso*. <https://expresso.pt/politica/2021-07-25-A-entrevista-nos-40-anos-do-25-de-abril-Apesar-dos-excessos-a-revolucao-foi-um-exito-of2bb707>
- Andringa, D. (2008, 25–28 de junho). *Jornalismo: Uma profissão em mudança* [Apresentação de comunicação]. VI Congresso Português de Sociologia, Lisboa, Portugal.
- Associação 25 de Abril. (s.d.). *Movimentações do dia 25 de abril*. <https://a25abril.pt/base-de-dados-historicos/o-dia-d/>
- Cristo, D. (2005). *A rádio em Portugal e o declínio do regime de Salazar e Caetano (1958-1974)*. Minerva Coimbra.
- Carvalho, O. S. (2014). *Alvorada em abril*. Terreiro do Paço Editores.
- Castanho, P. (2004). *Aqui posto de comando* [Programa de televisão]. SIC.
- Centro de Documentação 25 de Abril. (s.d.). *Som*. <https://www.cd25a.uc.pt/pt/page/8>
- Centro de Documentação 25 de Abril. (2014, 14 de janeiro). *Confirmação do início das operações militares*. <https://www.cd25a.uc.pt/pt/page/555>
- Cordeiro, P. (2007). *Estratégias de programação na rádio em Portugal: O caso da RFM na transição para o digital* [Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa].
- Decreto-Lei n.º 150/72, de 5 de maio, Diário do Governo n.º 106/1972, 1º Suplemento, Série I de 1972-05-05. (1972). <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/150-1972-230564>
- Ferreira, C. (2013). *Os media na guerra colonial, a manipulação da Emissora Nacional como altifalante do regime*. Minerva Coimbra.
- Gomes, A. (2014, 23 de abril). *A visão dos jornalistas no 25 de Abril*. Rádio Renascença.
- Gonçalves, M. (2023, 29 de novembro). “Grândola Vila Morena”, a senha da revolução escolhida debaixo do elevador de Santa Justa. Rádio Renascença. <https://rr.sapo.pt/noticia/pais/2023/11/29/grandola-vila-morena-a-senha-da-revolucao-escolhida-debaixo-do-elevador-de-santa-justa/357262/>
- Lau, A., Barbosa, I., & Couto, R. (2014, 28 de abril). *Dias 26 e 27 de abril - As reportagens emitidas*. JornalismoPortoNet. <https://www.jpn.up.pt/2014/04/28/dias-26-e-27-de-abril-as-reportagens-emitidas/>
- Maia, M. (1999). *Aqui emissora da liberdade, Rádio Clube Português 04.26 25 de Abril de 1974*. Editorial Caminho.
- Reis, A. I. (2022). Rádios “piratas” e jornalismo radiofónico na década 80: Ruturas e continuidades. In N. Ribeiro & A. I. Reis (Eds.), *História do jornalismo radiofónico em Portugal: Dos primeiros noticiários aos anos 90* (pp. 97–150). Livros ICNOVA.
- Reis, A. I., & Lima, H. (2014, 2–5 de setembro). *Os militares da Revolução de Abril de 1974 e a rádio: “Aqui Posto de Comando do MFA”* [Apresentação de comunicação]. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, Brasil.
- Ribeiro, N. (2002). *A Rádio Renascença e o 25 de Abril*. UCP Editora.

- Ribeiro, N. (2005). *A Emissora Nacional nos primeiros anos do Estado Novo*. Quimera.
- Santos, R. (2012, 28 de fevereiro). *A rádio não tem emissão educativa. É essencialmente distração. Da tradição à modernidade radiofónica (1961-1969)* [Apresentação de comunicação]. Colóquio “O Meio Rádio e os 75 Anos da Rádio Renascença”, Lisboa, Portugal.
- Santos, R. (2017a). As audiências como elemento de compreensão das tendências da rádio entre as décadas de 1940 e 1970. *Revista Portuguesa de História da Comunicação*, (0), 1–15.
- Santos, R. (2017b). *Estudos de rádio em Portugal*. Universidade Católica Editora.
- Santos, R. (2022a). Informação radiofónica (décadas de 1930 a 1970). In N. Ribeiro & A. I. Reis (Eds.), *História do jornalismo radiofónico em Portugal: Dos primeiros noticiários aos anos 90* (pp. 11–72). Livros ICNOVA.
- Santos, R. (2022b). “*Queria dedicar este disco à minha namorada*”: *Cultura, política e programação na rádio*. Colibri.
- Santos, S. C. (2013). *Da rádio estatal ao modelo integrado, compreender o serviço público de radiodifusão em Portugal*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Serejo, F. (2001). Rádio – Do marcelismo aos nossos dias (1968-1990). *Observatório*, (4), 65–95.
- Vieira, J. (2010). *A nossa telefonia, 75 anos de rádio pública em Portugal*. Tinta-da-China.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Helena Lima é professora associada, autora de livros, capítulos de livros e artigos com revisão cega em revistas da área da história do jornalismo e outras. É coordenadora do laboratório colaborativo Laboratório de Criação para a Literacia em Saúde, especializado em literacia e comunicação em saúde.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3023-6412>

Email: hllima@letras.up.pt

Morada: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto — Portugal

Ana Isabel Reis é professora associada, doutorada em Ciências da Comunicação, com especialização em Estudos Jornalísticos, pela Universidade do Minho. É investigadora em rádio, jornalismo radiofónico, história da rádio, rádio e som/áudio na internet.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9335-4574>

Email: areis@letras.up.pt

Morada: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto — Portugal

Submetido: 30/11/2023 | Aceite: 18/07/2024



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.